



INFORMATIVO

O TUIUTI



**HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)
280 anos da chegada do Brigadeiro José da Silva Pais a Rio Grande -100 anos da entrada do
Brasil na I GM**

ANO 2017

Outubro

Nº 244

Roma: origens, guerra, história e mitologia

Rayanne Gabrielle

Segundo os mitólogos, os mitos e lendas criados pela humanidade na Antiguidade serviam para explicar aquilo que, à época, se desconhecia. A necessidade de dar uma coerência ao surgimento de um povo, de um herói ou de um império exigia dos poetas, cronistas e sacerdotes antigos uma justificativa, geralmente divina, para a existência de determinada civilização e de seus objetivos na Terra.

Mas, como separar a história “real” da história “mitológica” para explicar o surgimento de um povo? Roma possui algo nesse sentido, sendo imprescindível compreender as origens comprovadas arqueologicamente de sua civilização e entender o significado de sua origem mitológica e a constância dessa perpetuação até os dias de hoje. Rômulo, Remo e a loba que os amamentou quando encontrados por ela às margens do rio Tibre, onde foram atirados por sua mãe, Réa Sílvia, para salvá-los do assassinio do rei usurpador Amúlio – em outras versões, é o próprio rei quem manda atirá-los ao rio -, estão mais do que sedimentados na memória coletiva cultural e simbólica da história romana e mundial, imortalizados de forma concreta em

estátuas, monumentos e obras acadêmicas e romanceadas diversas.

Acredita-se, por meio da arqueologia, que a Roma histórica tenha surgido por volta do ano 1000 a.C., como uma pequena vila junto ao rio Tibre (BEARD, 2017, p. 42). Outros autores (DALAL, 2016, p. 36), ao citar os povos etruscos, os primeiros a habitar a península itálica na qual a Roma antiga foi fundada, afirma que sua instalação nessa região se deu entre os anos de 1200 a.C. e 700 a.C., com a instituição da República em 509 a.C. Tal informação é corroborada por Funari (2002, p. 82), apesar de o referido autor ressaltar a imprecisão dos detalhes da fundação romana. Todos, porém, concordam que o período de Reino se dera em 753 a.C., mesmo ano em que se iniciou o reinado de Rômulo.

No entanto, o mito não se inicia por completo aí: a história contada origina-se na Grécia, logo após a queda da cidade de Troia, com a fuga do herói semidivino Enéias, filho da deusa Vênus, que, após anos de viagem, aporta na península itálica e torna-se rei. Seu filho Ascânio funda Alba Longa e a deixa para seus dois filhos, Amú-

lio e Numitor, este último ascendendo ao trono. Amúlio destrona o irmão e transforma a sobrinha numa sacerdotisa, de modo que ela não possa gerar filhos que venham a vingar o avô. Contudo, Réa Sílvia é amada pelo deus da guerra, Marte, e dá à luz os gêmeos Rômulo e Remo. Atirados ao Tibre para escapar da fúria do rei, são encontrados por uma loba, que os amamenta e cria, até serem adotados por um casal de pastores. Os irmãos crescem e, após descobrirem sua verdadeira origem, destroam e matam o rei usurpador e recolocam o avô no trono. Anos depois, numa briga, Rômulo mata Remo e ascende ao trono, fundando Roma, nome dado em homenagem ao irmão gêmeo, no ano de 753 a.C., tornando-se o primeiro rei da cidade então fundada.

Agora, faz-se necessário a realização de uma análise mais aprofundada da lenda para entender o seu significado para a história posterior de Roma e identificar os elementos que caracterizaram sua existência em todos os períodos pelos quais passara, desde o Reino até a ascensão e queda de seu Império. Primeiro, a ligação de Roma com a Guerra de Troia. De um ponto de vista simbólico, a queda de Troia aparece associada à própria queda da Grécia, no mesmo período em que Roma nascia. No entanto, tem-se a ideia de que, com um herói – lembre-se, troiano – fundando a cidade romana, perpetuou-se assim a grandeza do que foi a antiga Troia e, porque não, a antiga Grécia. Ademais, não foi um herói qualquer: foi Enéias, filho de Vênus, a deusa do amor e da fertilidade, o que nos leva a pensar na segunda parte desta análise: a ligação de Roma com os deuses da fertilidade e da guerra, este último na figura do pai mitológico de Rômulo e Remo, o deus Marte.

A ligação de Roma a esses deuses em especial encontrará sua explicação séculos à frente, durante o Império. Como afirma Funari (2002, p. 81),

“para os romanos, era importante considerar que seu destino estava ligado aos deuses, pois estas nobres origens legitimavam seu poder sobre outros povos e servia como propaganda de suas qualidades”.

A deusa da fertilidade simbolizaria tanto o crescimento populacional romano, capaz de fornecer mão de obra suficiente para plantar e colher, comerciar e guerrear, quanto a terra, cuja produtividade e abundância geravam excedentes que alimentavam as diversas províncias romanas no entorno do Mediterrâneo. O deus da guerra simbolizaria a força e a veia guerreira de Roma, que a qualifica como destinada à guerra e à conquista, portanto, ao domínio e à subjugação de povos inteiros, ao engrandecimento de sua conduta e porte militares. A guerra, na Antiguidade, não era um esporte, muito menos um “balé”, tal como visto por alguns estudiosos contemporâneos em relação às guerras da Modernidade; era uma forma de sobrevivência, em que vigorava, antes mesmo de Darwin, a lei do mais forte e melhor preparado.

Os demais personagens que compõem a narrativa mitológica também aparecem como personificações. A rivalidade entre os irmãos (Amúlio e Numitor, Rômulo e Remo) em disputas por poder pode ser interpretada como a rivalidade entre os vários povos-irmãos que habitavam a península. Etruscos, sabinos, latinos e gregos eram os povos predominantes, posteriormente unificados, após sucessivas guerras, no Reino de Roma. Réa Sílvia, a virgem amada pelo deus Marte, simbolizaria a Roma ainda por fundar tocada pelos ventos da guerra que a engendraria. Para Beard (2017, p. 44), isso esconderia uma história mais macabra: um suposto estupro da princesa, algo perpetrado, anos mais tarde, pelo próprio Rômulo durante o episódio conhecido como “rpto das sabinas”, com o propósito de povoar o recém-fundado reino do qual se tornou governante.

A história da loba é ainda mais interessante. Segundo o dicionário sobre mitologias de Gama Kury (2009), a “loba” em questão seria Aca Larência, uma prostituta, cujo cognome seria Lupa, frequentemente dado às prostitutas naquela época, as quais trabalhavam em locais chamados lupanares, os conhecidos prostíbulo. Lupa quer dizer loba e Aca Larência foi a responsável por amamentar os gêmeos e ajudar a criá-los, juntamente com o pastor Fáustulo. A personificação em um animal, retratado até mesmo numa famosa estátua que ajudou a proliferar ainda mais a lenda, representa não só a ferocidade romana para enfrentar seus adversários, como a capacidade da própria Roma ser, ao mesmo tempo, temível para os povos adversários e escravizados, e uma mãe protetora de seus filhos, inclusive os de criação, nesse caso, representados pelos povos que aceitaram ser subjugados ao longo da história romana.

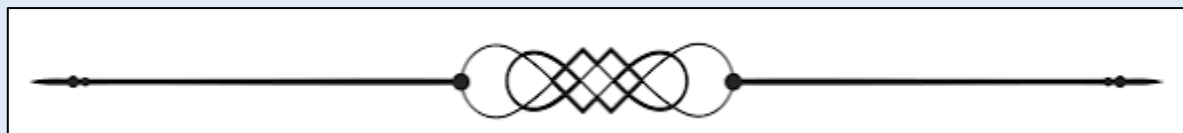
Os gêmeos seriam o reflexo da própria Roma: uma organizada e com o poder concentrado em seu rei (Rômulo) e outra saudosista dos tempos em que pequenas escaramuças, com direito a saques e massacres, mantinham o pequeno poder nas mãos de chefes locais (Remo). Quem

pensou grande, triunfou, visto na consequente morte de Remo pelo próprio irmão.

Vários outros significados são atribuídos aos personagens, paisagens e relações travadas nesse mito de origem romano. Nota-se uma constância, ao longo da história de Roma, principalmente durante o Império, da difusão dessa lenda como uma espécie de “destino manifesto” da própria Roma, sendo ela a única capaz de liderar o mundo porque suas origens a atestam. Apesar de destacar sua origem a partir do herói Enéias em detrimento da própria Grécia, Roma conseguiu superar as dificuldades e a decadência da civilização helênica, promovendo um futuro glorioso e duradouro para si. A fama rendeu “herdeiros” contemporâneos e influenciou nações a buscarem seu mito fundador. A França de Bonaparte no século XIX e a Itália de Mussolini no XX buscavam na Roma Antiga suas origens, com um pouco de razão, tentando justificar dessa maneira suas aventuras imperialistas além das fronteiras de seus Estados nacionais. Construída e alçando-se a glória por meio do mito e da guerra, a Roma Antiga continua, ainda hoje, a encantar e a influenciar admiradores, curiosos e estudiosos e a fazer pensar na força de suas histórias, sejam elas históricas ou mitológicas.

Referências:

- BEARD, Mary. **SPQR: uma história da Roma Antiga**. São Paulo: Planeta, 2017. Versão digital.
- DALAL, Roshen. **A compacta história do mundo**. São Paulo: Universo dos Livros, 2016. Versão digital.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002. (Col. Repensando a História)
- KURY, Mário da Gama. **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.



(continua)

ATIVIDADES DA AHIMTB-RS

Em 23 de outubro de 2017, o Acadêmico Cel Cav EM Pedro Paulo Cantalice Estigarribia foi promovido na Ordem do Mérito Aeronáutico (OMA) de Oficial a Comendador em cerimônia realizada na Ala 3, sediada em Canoas, RS.

Abaixo, imagens do evento.



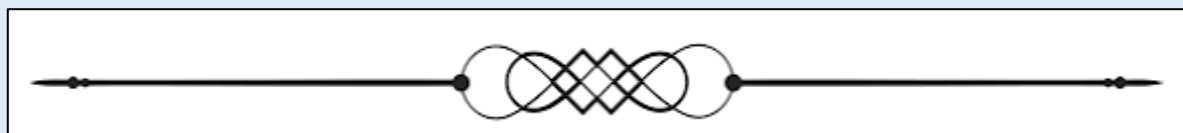
Recebimento da Comenda



Desfile da tropa



O homenageado



Editor

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Presidente da AHIMTB/RS
lecaminha@gmail.com

Nossos sites
www.ahimtb.org.br
www.acadhistoria.com.br

Site do Nucleo de Estudos Estrategicos do CMS

www.nee.cms.eb.mil.br

